

librios que um grupo logrou estabelecer em suas relações com o duplo ambiente a que os homens estão destinados: o espaço da natureza e o espaço da sociedade.

Renato da Silva Queiroz

*

JEAN-PAUL DUMONT: *Under the rainbow* Austin, University of Texas Press, 1976.
178 p.

O livro de Dumont pode muito bem ser incluído entre as poucas obras estruturalistas, que consegue, senão total pelo menos satisfatoriamente, apresentar como uma cultura se pensa a si mesma.

O propósito do autor não é desenvolver reflexões sobre o pensamento selvagem mas, modestamente, entender como se apresenta no contexto da cultura Panare, na Venezuela. O autor assume, como Godelier, que “pensamento selvagem é tanto pensamento em estado selvagem quanto pensamento dos selvagens”.

Tendo como objetivo inicial preencher lacuna da literatura antropológica e relatar de que maneira os Panare pensam a si mesmos, Dumont incursiona pela filosofia Panare como manifestação de sua cultura, interessando-se pela filosofia comum de um “nós” coletivo, no exercício da *pensée sauvage*.

Rejeitando as apressadas conclusões baseadas nos temas mitológicos, o autor apresenta processo inverso. Embora sempre referindo-se, quando necessário, aos dados mitológicos e rituais, a ênfase principal é colocada sobre os diferentes aspectos do comportamento diário que por si próprios podem não aparecer, de imediato, como privilegiadas manipulações conceituais (por exemplo, pode-se ver que a alimentação Panare é particularmente boa, não só para comer, mas também boa para pensar). Assim, deslocando a ênfase para uma mitologia “implícita”, mais vivida do que falada cotidianamente, torna-se possível explicar um número de fatos não elucidados pela pesquisa de campo do antropólogo. Estes símbolos, quase nunca percebidos imediatamente pelo observador, não são dados *de per se*, como nos mitos, mas estão sempre conglomerados com outros fatos; a sua racionalidade está para ser encontrada em outras esferas: na ecologia, no nível de desenvolvimento econômico, na infra-estrutura da sociedade em consideração.

De início, a apresentação do grupo é feita em dois capítulos: os capítulos II e III tratam, respectivamente, do quadro geográfico e do quadro histórico, delineando a situação contextual dentro da qual a cultura Panare é desenvolvida. Já no capítulo II se esboça uma primeira análise da conceituação Panare sobre a posição de seus estabelecimentos. Tanto no que diz respeito às correlações entre a savana e a floresta e entre o natural e o sobrenatural, quanto às oposições e correlações entre as estações da seca e da chuva, ao aparecimento da Láctea na seca (verão),

em oposição ao Arco-íris nas chuvas, ou, ainda, à correlação entre as almas ardentes (Via Láctea) e o renascer da vida na presença do demiurgo Manataci (o arco-íris).

O capítulo IV, inteiramente dedicado à apresentação etnográfica da cultura Panare, vem complementar ainda mais o *background* necessário para que a análise possa ser empreendida. Vale ressaltar aqui os minuciosos exames das fontes de subsistência registrados cuidadosamente em várias tabelas explicativas.

A análise tem início então no capítulo V, no qual a estrutura do espaço habitado é examinada. Procura o autor apresentar a racionalidade desta estrutura, entendida no contexto do simbolismo cultural, a fim de entender o simbolismo expressado pelas manipulações conceituais das categorias espaciais, as quais mostram-se necessárias e suficientes para entender a estrutura que determina as diferentes modalidades de espaço habitado. No curso desta construção, apresenta o autor as oposições e correlações entre tipos de estabelecimentos (acampamento, ranchos, choupanas e casa central 'churuata'), determinações ecológicas (seca, chuvas, savana, floresta), determinações econômicas (produção coletiva/individual), além de outras manifestações como ritmo espacial, alternância de luminosidade umidade hierarquização do espaço orientada por um *nec plus ultra da cultura* (churuata) e um *nec minus* da cultura (rancho), num *continuum* que vai do sobrenatural para o natural.

Ao se procurar explicar o elemento simbólico de cada fato, pode-se segundo o autor descobrir o sistema conceitual de pensamento pelo qual o Panare pensa a si mesmo.

Para alcançar este objetivo, Dumont baseia-se no método estruturalista apresentado por L. Strauss, em *Antropologia Estrutural*.

Metodologicamente, a análise consiste, portanto, em decifrar o código, em decodificar as mensagens a fim de construir um modelo de uma dada realidade. Sendo o método estrutural particularmente efetivo no tratamento dos sistemas semióticos, é razoável aplicá-lo para os signos por meio dos quais se manifesta o pensamento Panare. Portanto, o objetivo central do presente trabalho é saber o que estes signos dizem, ou mais exatamente, como expressam o que eles significam.

A análise tenta deduzir certas estruturas que representam um princípio de inteligibilidade: a racionalidade da ideologia Panare enquanto expressa ecologia, economia e infra-estrutura.

Os índios Panare estão localizados na região do escudo das Guianas, na Venezuela, mais precisamente, no Estado de Bolívar. Este território é delimitado pelo rio Orinoco e por dois importantes afluentes da margem direita: os rios Cuchivero e Suapure.

Pertencentes ao estoque lingüístico Caribe, os Panare são ramanescente de recente expansão dos povos Caribe sobre um território anteriormente ocupado por povos de fala Arawak. Esta expansão estava ainda em processo quando os Europeus

chegaram. Vivendo numa área pouco explorada, os Panare, ao contrário de outros grupos venezuelanos, foram pouco afetados pelo processo de ocupação do interior. Sabe-se, porém, que foram "reduzidos" e tiveram que conviver com os pioneiros que, desenvolvendo aí uma agricultura quase de subsistência, passaram a ocupar áreas do território tribal. Atualmente existem grupos Panare ainda desconhecidos, no Sudoeste, e isto torna difícil calcular a população total; entretanto, o autor apresenta estimativas que variam entre 1.500 a 2.000 o número de Panare conhecidos.

No capítulo VI, o autor, tomando a estrutura do espaço como ponto de partida, faz uma incursão dentro da estrutura do tempo. O tempo não pode ser explicado como uma entidade isolada. Para entendê-lo, deve-se buscar a maneira pela qual é expressado através de posições e movimentos dos corpos celestiais, como também para compreender de que maneira esses corpos são denominados e organizados em um sistema que é significativamente sexualizado. Logo, deve-se entender que a estrutura da astrosexualidade é inseparável do tempo.

Estabelecendo a congruência do tempo e da sexualidade através de um código astronômico, o Panare diz muito pouco sobre o complexo mistério: todos os excessos são mortais. Por exemplo, o incesto é por definição anticultural, e tem consequências tanto natural quanto sobrenatural para seus autores, pois, a perpetuação da vida está ligada a um controle cultural de alternância: as alternâncias do espaço (acampamento, rancho, choupana, churuata), do tempo (seca, chuva, ciclo anual e ciclo vital) e da sexualidade (criança, iniciando, masturbação/manustrupação), adulto (casado e viúvo) . Assim, a ordem cultural Panare pode ser vista como a ordem de mediação entre os excessos do natural e do sobrenatural.

Finalmente, o capítulo VII, vem ressaltar e amarrar a relação dialética entre dois níveis constantemente enfatizados: a concepção e a atuação. Aqui, o entrelaçamento destes níveis foi desenvolvido um pouco mais no exame de duas categorias sensitivas: audição e paladar. Seguindo o caminho aberto pela análise do tempo, o autor percebe que o estudo das outras categorias sensitivas afastaria a análise do propósito principal. Portanto, procura, através deste retorno à lógica das categorias sensíveis, não esgotar o assunto, mas sim apresentar um entre muitos modelos possíveis de como os Panare se pensam em relação à natureza e ao sobrenatural.

Paulo M. Noronha Serpa

*